

Corporalização: BMC em Dança

Lela Queiroz¹

Resumo

A partir de imbricações entre corpo e criação, o artigo busca propor que o método BMC por corpomente, sistemas integrados e princípios evolutivos de movimentos operam diretamente ligados, contribuindo como metodologia alternativa em performance em Dança. A pesquisa, que conta com o apoio das Ciências cognitivas e evolutivas, visa mostrar como embodiment se tece no campo do desenvolvimento e apresenta modos de investigação em dança contemporânea. O laboratório de pesquisa foi iniciado com Bolsa recém doutor Capes 2008 e por projetos da UFBA (2009-12).

PALAVRAS-CHAVE: Dança, performance, corporalização BMC

Abstract

Within crossroads between body and creative processes, the article shows that BMC's method in bodymind perspective, principles of evolutionary movements and systems operate directly linked, contributing as an alternative methodology in the scope of performance. The research, supported by cognitive science and evolution, seeks to explain how embodiment operates in the field of development and presents modes of inquiry in contemporary performing arts. The research laboratorie began with Doctorate Grant CAPES 2008 e and ongoing projects in UFBA (2009-12).

KEYWORDS: Dance, performance, embodiment BMC.

¹ Lela Queiroz é pesquisadora da área de dança, com ênfase nos temas cognição e conscientização. Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em Dança da UFBA, praticante BMC e formada em Educação Somática pelo Movimento, EUA e Alemanha 1999/2002-2005/2006. É doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Integra a RedSul. Coreógrafa e artista performer em intervenções públicas, Prêmios Sesc Movimentos de Dança 1989/1993. Prêmio Dança Contemporânea SP/2003-2004 desenvolve Projetos de extensão e pesquisa na UFBA 2009-2012 Interação cognitiva BMC - Dança - Escola. Lidera o grupo de Pesquisa DC-3 no CNPQ. Coordena os grupos de pesquisa e estudos, Corpo, artes e Performance e Dança, comunicação e ciência. Contato: leladanca@gmail.com

Tendo BMC –*bodymindcentering*– como referência de plataforma de conhecimentos para pesquisa em dança, a partir de suas imbricações em processos criativos, encontramos procedimentos especializados tecendo conexões entre organismo e vida. Compreendendo haver um continuum complexo entre natureza e cultura (Ridley, 2003) entre o legado da evolução biológica e marcos civilizatórios, BMC caminha nas duas margens; entre força dos instintos e impacto emancipador das normas (Bauman, 1998), esbarra-se em origens distintas do movimento fora do corpo e no corpo em que propagam-se questões entre fora e dentro, tema especialmente importante para a educação somática pelo movimento. Aqui interessa reparar na trama que monta e desmonta redes de acontecimentos com o corpo na perspectiva da criação.

Essa ligação organismo-vida tange o organismo ontológica-mente e epistemológica-mente, ou seja, o organismo enquanto ser, sentido e sentimento e a arte da significação. Entrelaçam-se aí questões sistêmicas e simbólicas, valendo-nos do conceito corpo-ambiente duplamente: do organismo em seu ambiente, e do organismo no entorno, no ambiente mediado, e corpomídia (Greiner & Katz, 2002): corpo com sua percepção - como modelo de comunicação -, com o qual se dá o fenômeno de corporalização (Thompson, Varela, 1991).

O artigo busca propor que o método de exploração e improvisação de BMC pelos sistemas corporais, funcionamento integrado no corpo e adoção dos princípios de movimentos evolutivos operam diretamente ligados a questões de criação.

BMC investe numa matriz de trabalhos que tange duplamente estrutura, forma e função, instintos, motivação, afetos e criação. Meu livro “corpo, mente, percepção, movimento em BMC e Dança” (Queiroz, 2009), o artigo na Revista *Concinitas* nº15 “Contato, a não execução” (Queiroz, 2010), “Neurológicas” (Queiroz, 2011) e “Espacialidade e Visualidade” (Queiroz, 2012), ajudam a compreender melhor o assunto aqui tratado.

Corporalização passa pela compreen-

são de que, se numa ponta, o trânsito das informações no mundo ocorrem dinamizadas a partir de sua confabulação em carne e osso: “o conhecimento é enraizado no corpo” (Lakoff&Johnson, 1999), na outra ponta reconhece-se que a operação da cognição, isto é, a capacidade de construção do conhecimento se dá a partir dos complexos sensorio-motores nos organismos, ou seja o corpo fazendo parte do domínio básico da experiência (Linás, 1996, 2001, Noe, 2004). Um ciclo intra-sentidos é promovido primeiro para a sistematização motora, não podendo mais compreender esta como separada da via sensorial. A abordagem perceptuo-motora compõe aspecto chave do trabalho e permite encampar o fenômeno corporalização.

Rompendo com a estrutura do trabalho de corpo em dança moderna, ordenada pela disposição e direcionamento do corpo alinhados através do espaço, BMC estrutura-se em torno da arquitetura intra-extra corpo, investigando os sistemas corporais a fundo numa perspectiva de conhecimento em fluxo, valendo-se do diferencial de cada corpo em questão. O corpo não mais disposto por sua verticalidade, para frente, num ponto fixo apoiado sobre os pés, incidindo peso, gravidade e ponto fixo da visão apoiado para fora. Ao contrário, característica, que de certo, pode ser encontrada por vias somáticas distintas e está presente em BMC, é o reencontro consigo mesmo ligando-se o aspecto do chão e do corpo dispostos aleatoriamente, em que, contato, espaço, peso, gravidade distribuídos na horizontalidade e tempo interno do corpo levado em conta, boa parte das vezes sem apoio da visão para iniciarem-se os processos de trabalhos de corpo, o que passa a identificar comumente um trabalho de corpo em dança contemporânea.

Em BMC, procedimentos investigativos estão fundamentados pela anatomia e fisiologia experiencial, pelas implicações neuronais dos BNPs (*basic neurological patterns*), padrões de movimentos evolutivos, reflexos, sobretudo pelo papel dos movimentos e contato entre sistemas. Isso indica uma mudança sensível de epigenesis

para o trabalho em dança, assim, a visão é estimulada, articulada e introduzida co-dependente do campo exploratório em curso. Do vir a ser e do existir, fenomenologicamente falando, situa-nos na esfera do corpo como processo relacional e do movimento como percepção e informação. Desse modo há uma mudança crucial; um novo caminho que afetará os limites de alcance entre treinamento e criação.

A corporalização que o BMC promove se baseia numa compreensão que lembra a metafórica de mundo (Lakoff&Johnson, 1999), e corpomidia (Greiner&Katz, 2001). Dentro disso, significa dizer que a partir dos trabalhos evolutivos mente-corpo que o BMC propõe surge uma lógica interna dos processos, procedimentos e práticas que realmente suplantam de vez a visão analítica e uma compreensão psicológica dos fenômenos, propondo um olhar psico-físico-eleto-químico sobre os acontecimentos, gerando uma lógica cognitiva a partir da evolução dos movimentos. As considerações lançadas seriam a possibilidade deste método de educação somática de dança como bastidor permanente para suas criações.

Deixando de se valer do modo tradicional por comandos da ordem do controle neuro-muscular para dançar, na Escola e Programa de Pós Graduação em Dança e da Universidade Federal da Bahia, ministro módulos teórico práticos de processos criativos na graduação, curso BMC e grupo de pesquisa Corpo Artes e Performance em atividades de extensão, recorrendo a plataforma de procedimentos da metodologia BMC para criação em dança contemporânea. Proponho uma abordagem processual que busca uma emancipação do corpo em relação à técnica, suplantando o entendimento da *techné*, atado a um entendimento de corpo como instrumento, daquilo que seria fabricado com o corpo no espaço, daquilo que ela garantiria uniformemente para o corpo, valendo-se de uma concepção geométrica de espaço e linear de tempo, assunto já explorado em meu artigo "Subversão do Balé" (Queiroz, 2001). Sem nos determos no assunto do es-

paço por hora, que parece vital e tão caro à dança e merece atenção noutra ocasião, nos propomos falar deste deslocamento, por procedimentos que abarcam investigações no corpo em seus aspectos estruturais, funcionais e formais, como também detectam e exploram aspectos motivacionais, instintivos, afetivos, criativos e comunicacionais ao mesmo tempo. O enfoque, com embasamento teórico-prático e reflexão arte-ciência, reúne aspectos formativos, entretanto proponho que, do mesmo modo que antes se entendeu estrutura e função, entendamos que sejam, sobretudo, funcionais criativos.

Essa perspectiva de corporalização atravessa todo o BMC, perpassa todo o escopo de suas práticas, inaugurando uma tríplice orquestração entre continuum corpo/mente, princípios evolutivos ontogenéticos e filogenéticos de desenvolvimento de movimentos e ação no ambiente. Dentro desta tríade, sistemas corporais, o desenvolvimento de padrões pelo movimento e a investigação exploratória integram o corpus didático pedagógico da metodologia. Como primordial tem-se movimentos intrínsecos (Thelen, 1995) construídos dos sistemas corporais, mas não qualquer tipo de movimento (Sheets JohnStone, 1998), neles estão a herança genética e possibilidades de movimentos que trazemos ancestralmente – evolutivamente: filogeneticamente, assim, como base, está a investigação, mas não qualquer tipo de investigação, exploratória dentro da lógica de percepção ambiente cunhada por Gibson (1977, 1986). BMC trabalha de forma sistêmica entre acaso e necessidade, a exploração dos seus princípios fundamentados com a fisiologia clínica e anatomia experiencial, em níveis e graus envolvendo esses compósitos num campo improvisacional.

Encontram-se entremeados operadores de auto-organização (Thelen, 1995) e de construção metafórica da realidade (Lakoff&Johnson, 1999) em que " há um cruzamento de questões de ordem prática e simbólica" (Greiner, 2005). Além disso, essa visão sobre movimentos ajuda a repensá-los como protagonistas, forças

cognitivas no organismo, envolvendo movimento como sentido, e percepção como experiência (Noe, 2004) no meio. Quando o organismo age, se interpõe direção adentro e a fora, com processos de tomadas de decisão.

No espaço das aulas, as investidas são tecidas desde a mais branda ou tênue reação a um estímulo até a mais aferrada perturbação pelas iniciações e caminhos de movimentos. No limiar dentro fora do organismo o regime de atrator (Thelen, 1995) surge conflado (Lakoff&Johnson), de saída, não está dado, ele vem se compondo com a prerrogativa das predisposições para o ganho de estabilidade, e com a repetição eventual, como afirma Bonnie Bainbridge Cohen do BMC. O sistema nervoso é o último a saber, mas uma vez que registra o movimento, se torna uma rotina cognitiva (Cohen, 1993).

Aliado a essa questão, está em jogo o protoself e self biológico (Damásio, 1999), num choque de gestão entre o estado optimum interno do organismo que ele busca em seu metabolismo com homeostase e regulações, estimado pelo ganho interno, por um lado e, por outro, inoportunas perturbações que desestabilizam seu estado. Mas como sistema aberto, o papel da perturbação é crucial (Vieira, 2003, 2006). O organismo aprende a lidar com ambos por modos distintos. Na perspectiva da criação, justo por se dar de modo não linear, em se tratando de organismos complexos com estruturas dissipativas (Prigogine, 1984), as perdas irreparáveis de energia são compensadas pela auto-organização, num fluxo inestancável entre ambos. É importante salientar que a construção de caminhos de movimento dentro desta perspectiva, se afasta da atitude de reprodução e repetição como entendidas tradicionalmente em dança.

O corpo empreende investidas no espaço-tempo, com movimentos de diversas gamas num processo que envolve *sensing, feeling and action* - rastreamento, sentimento e ação - em que se alojam operações de escuta, atenção e intenção. Escuta inverte a direção da atenção para fora, numa

guinada de receptividade, subentendendo o acoplamento estrutural (Maturana & Varela, 2002) entre o continuum corpomente - ambiente (do dentro com o fora), a atenção e a intenção são modos de percepção no ambiente (Dennet, 1987, 1997), envolvendo mudanças de estado. A repetição em competição - aqui entendida evolutivamente -, se dá sempre com modificação, e a reprodução se dá no modo indicial com campos migratórios gravitacionais dentro-fora, centro-periferia, expansão-recolhimento, traçando rumos em tempo real que auto-organizam novos repertórios de movimentação.

O organismo performa navegação: com a ajuda da visão rastreia esses índices, enquanto vasculha o ambiente. A duração é um aspecto chave, substituindo o vetor de "timing" utilizado na concepção coreográfica e do tônus unificado, para o vetor de variáveis e mudanças de estado. *O que dura e o que se torna estável* são conceitos ativos da teoria evolutiva, de caráter indeterminista (Queiroz, 2001). Na medida em que os processos criativos avançam, com questões de corpo e criação, BMC contribui como metodologia alternativa no escopo da performance.

Um dos diferenciais de abordagem nos estudos contemporâneos de percepção nas ciências cognitivas passa pela consideração do corpo no eixo central de conhecimento de mundo e passa a entender percepção como ação (Gibson, 1977, 1986, Thelen, 1995, Berthoz, 2003, Noe, 2006). De outro modo posto: cognição, seria uma operação mental, cujo mecanismo central dependeria dos mecanismos da visão, de fora para dentro, excluindo, a grosso modo, o corpo deste circuito. Precisaram ocorrer revelações nas recentes pesquisas sobre o cérebro na neurociência para mudar essa situação, indicando ser, a cognição, corporalizada/embodied (Varela & Thompson, 1991). Ela é possibilitada pelo reconhecimento de campo, pela ação do organismo em sua escala tátil, gustativa, olfativa e sonora, através dos sentidos no corpo, decorrentes de movimentos e contato no ambiente (Gibson, 1977, 1979, 1986). Por outro lado,

indicou percepção tratar-se de uma ação, pois, receptores sensoriais, na operação de estímulos, ativam-se como nociceptores, interoceptores, proprioceptores, e outros, interferindo e auto-organizando categorias perceptivas, seguindo-se a varreduras táteis e buscas que o organismo realiza enquanto se move no ambiente (Johnstone, 1998).

Segundo BMC, o movimento organiza os demais sentidos, o tátil, o paladar e o olfativo via o auditivo para a convergência da visão, que emerge no pico de maior complexidade com o entorno; movimentos integram os sentidos em ação. Esther Thelen (1995), cientista dinamicista, apresenta uma teoria da ação em que movimentos intrínsecos se fazem centrais para rotinas cognitivas - como também Alain Berthoz (2003), cientista cognitivo - que corrobora para o BMC em relação ao aspecto do movimento: é ele que informa os demais sentidos. Assim, a visão tem sua auto-organização em curso pela sinalização dos movimentos em andamento.

Bainbridge Cohen, do BMC, a partir dos princípios evolutivos de movimento de herança filogenética, relacionou a formação ontogenética do organismo, os padrões neurológicos basais, os padrões de desenvolvimento de movimentos no organismo, as suas transições em novos padrões e classificou a organização desses padrões. Além disso, inter-relacionou toda essa gama repertorial de movimentos com os diversos sistemas do corpo e suas implicações neuroendócrinas, tratando do organismo em toda a sua complexidade. Como resultado, BMC propõe o campo da somática - pelo movimento - dentro de uma concepção de fluxo de explorações, soluções adaptativas e arranjos provisórios de improvisação, pelo caminho de investigação no organismo, pela percepção dos sentidos, pelos caminhos de movimentos evolutivos em ação na criação. Enfatiza Bonnie que "cada um dos sistemas apóia, sustenta e modifica o outro a toda hora num amplo continuum de atenção, intenção e função" (Cohen, 1993).

O domínio básico da experiência em BMC se dá encampando processos entre

corpo e ambiente, ligados aos seus diversos sistemas com respiração celular. Adentra escuta e atenção no qual movimento é percepção. Através de um desenvolvimento gradual dos padrões, escuta e atenção se traduzem em intenção em que movimento é informação em ação, reconhecendo relações entre anatomia e fisiologia experiential e funcional, num conjunto amplo e complexo de movimentos evolutivos multifacetados. Implicado o ambiente, BMC trabalha contato, projeta-se no espaço no espectro criativo simbólico que irriga procedimentos artísticos.

Maxine Sheets-Johnstone, filósofa que estuda o aparecimento biológico da consciência nas espécies, pesquisou-a a partir da questão da propriocepção e do sentido cinestésico, ambos do campo do movimento. Em seu artigo "*A natural history*"² (1998), demonstra que movimentos de deslizar, empurrar, desviar, girar e saltar nos contam como são os corpos e contam o que eles fazem no meio em que vivem. As soluções adaptativas que os corpos vão encontrando ficam disponibilizadas em rede e organizam níveis mais complexos de interatividade para a sua ação no mundo e, assim, conseguem mais sustentação, proteção e melhores condições para garantir a sua vida em permanência (Johnstone, 1998, p.260-294).

A hipótese evolutiva do movimento como um dos modos de organização da informação e da comunicação entre sistemas corpo adentro e fora, constitui a diferença para a sobrevivência e convive, na mesma direção, com as assertivas do movimento como categoria perceptiva defendida pela dinamicista e cientista cognitiva Esther Thelen, que se dedica a explicar os processos de desenvolvimento pelos movimentos. Em seu trabalho, fala dos movimentos intrínsecos como *processo cognitivo* do organismo. Os domínios são de início conflados, (não separados) e fabricam as relações de causalidade entremeados, e novas habilidades sensorio motoras mu-

² Publicado no periódico JCS- Journal sobre os estudos sobre a Consciência, numa edição dedicada ao papel da propriocepção na ciência.

dam habilidades cognitivas e vice-versa. Além disso, o movimento funcional é o amalgama entre mente e organismo que o animal precisa para destrinchar o ambiente e as informações sensoriais nele presentes, adaptar e integrar para se movimentar eficiente e efetivamente. “O significado tem suas origens nas ações e sua manifestação – gerada – em tempo real e pela atividade” (Thelen, 1995, p.277).

A hipótese para a pesquisa em performance, de que movimentos intrínsecos reúnem imbricações evolutivas entre natureza e cultura, a uma só vez, pressupõe que o organismo em formação vai modulando com movimentos sua organização interna, sendo funcionais por um lado e criativos por outro, pois implementam princípios evolutivos herdados geneticamente. E segundo eles compõem a questão evolutiva do movimento como repetição com modificação, de interesse no campo improvisacional com o corpo.

Nesse sentido, movimento como um operador de sistemas, ganha autonomia qualitativa, se torna senhor de dois mundos. O mundo do instante presente e os mundos possíveis a que se refere, nas relações com o entorno, em sua história recente, como também de sua história vindoura. “É o movimento que faz do corpo corpomidia” (Greiner, 2005). Em resposta à história das mudanças adaptativas das espécies e às provocações e desafios no ambiente, Sheets-Johnstone propõe que movimentos agem pela sobrevivência do organismo no meio.

Movimentos, evolutivamente falando, operam tanto nos processos internos de regulação do crescimento e desenvolvimento do corpo (dentro-fora), como nos estímulos de informação que chegam ao corpo e se transformam em corpo (fora-dentro). Sobre as questões dentro-fora organismo, desde a perspectiva celular, permeável; o que se passa com o organismo se move, o corpo capta um estímulo, sintoniza-se com ele, age/reage e abastece-se dele, internaliza-o, responde à ele, somado à demandas no ambiente, entre dentro e fora, se relacionando de forma inter-modal, em

escalas tempo-espaço sem referência fixa para dentro ou fora. Limites distintos entre dentro e fora permanecem, porém não são fixos, estanques e isolados um do outro; eles se dão em intercâmbio pelo parâmetro da mudança.

Passa-se a uma compreensão integrada via sistema sensorio motor, valendo-se da perspectiva de que em diversos pontos se cruzam redes para sinalização neuronal envolvendo ambos os aspectos de alça sensorial e motora, incluindo ciclo intra-sentidos, movimento e contato como percepção. A varredura que é feita no ambiente através dos estímulos que chegam, através dos sentidos, selecionam o que o receptor dará seguimento criando repertórios e gerando categorização perceptiva. Há também conjuntos de repertórios sistemáticos de memória pelo cérebro em ação conjunta por todos os sistemas perceptuo-motores como o tato, o cheiro, a visão, o movimento, os sons e a linguagem em contato com o habitat (Edelman, 1999, p.98). Sinalizando segundo o autor Edelman, o dinamismo da auto-organização, evocando zonas convergentes, domínios cruzados, re-entrada, escalas multimodais, co-emergência na cognição, por todo o funcionamento do cérebro. Na percepção, em última análise, implica, dizer que ela se dá enquanto ação, regida por movimentos enquanto exploram o ambiente. Conforme salienta Bainbridge Cohen, “o contato é enfatizado pela pele e o movimento é enfatizado pelos receptores proprioceptivos e sinestésico nas juntas, ligamentos, músculos e tendões, os interoceptores dos órgãos e o mecanismo vestibular do ouvido interno”³ (Cohen, 1988: parte 1).

Segundo Thelen, não há como conhecer um estímulo ou um objeto sem uma interação, sem se afastar ou se aproximar, sem entrar em contato, sem pegar ou largar, sem o tátil-experimental; isto é, sem que o corpo ou alguma de suas partes tivessem entrado em contato, diversas vezes, com o objeto em questão. O reconhecimento das

³ “Touch is emphasized in the skin; movement is emphasized in the proprioceptive and kinesthetic receptors in the joints, ligaments muscles and tendons; the interoceptors of the organs; and the vestibular mechanism of the ear.”

informações no ambiente ganha dimensão com movimentos. Então encontra-se ligado diretamente as questões de movimentos, espaço-tempo, dentro-fora e ambiente.

A ação no ambiente, os modos como o organismo se movimenta nele, incrementa os processos neurológicos pela forma como a conexão sensorio-motora se estabelece entre controle motor (ação) e gamas sensoriais subjacentes aos sentidos físicos (percepção). *É a ação por exploração e por corporalização que compõe o tecido da ação experimental em BMC.* “Os padrões neurológicos basais (BNPs) são dezesseis padrões primários de movimento desenvolvidos por Bonnie Bainbridge Cohen, baseados no desenvolvimento de movimento filogenético (animal) e ontogenético (humano)”⁴ (Cohen, 1993, p. 5.).

Tem-se como característica um atravessamento do sentido de exploração dentro-fora, ao mesmo tempo alicerçado por uma fundamentação fisiológica e psicofísica aprofundada dos movimentos internos nos sistemas corporais, oferecendo e recebendo apoio à investigações cognitivas, evolutivas e comunicativas; numa escala aberta, enquanto um corpo experimenta seguindo um estímulo que foi dado, os acontecimentos em curso promovem descobertas, estimulam novos repertórios, ampliam a percepção e instigam a se lançar no espaço de modos não previstos nem predeterminados, desse modo, movimentos irrompem criação.

Dentro de uma compreensão biológica de organismo vivo, em que não se estabelece uma diferenciação entre organismo e corpo, no fluxo natureza-cultura, as emoções aparecem como o conjunto de respostas surgidas em momentos de sobrevivência do mesmo no ambiente, seguindo-se assim a organização de predisposições residentes chamadas então de sentimentos, chamados de “fundo” pelo neurologista, Antonio Damásio (2004). Estes, ganham estabilidade com o tempo, participando de uma rede na constituição do self biológi-

co e dos sentimentos. Entre tais processos Damásio traz a hipótese de marcadores somáticos, responsáveis invisíveis por escolhas do organismo tomadas há algum tempo. Eles operam como dispositivos favorecendo preferências, otimizando e automatizando respostas ao ambiente. Além disso, “todo organismo nasce com dispositivos que solucionam automaticamente, sem qualquer raciocínio prévio, os problemas básicos da vida” (Damásio, 2004, p.37). Paralelamente a estas predisposições inatas, o organismo caminha para um estado de vida bem regulado, graças a maquinaria de regulação intensa de seu funcionamento, favorecendo sua permanência, estes ganham estabilidade com o tempo. Na descrição de Damásio, prazer e dor, estão na base da constituição desses caminhos auto-organizativos e competição e cooperação estão nos níveis mais altos de organização de respostas (2003, p.38).

Dennet (1997), filósofo cognitivo-evolutivo, nos conta que pode surgir um dispositivo com uma função, capaz de suprir a falta de algo para começar a ter a sua função e, com isso, mais adiante, dar lugar a alguma outra coisa. Pode começar como um processo de regulação e passar a ter um outro propósito depois. Procedimentos com BMC em sala de aula passam do aquecimento do corpo com pequenas iniciações que se tornam mais a frente os princípios para exploração, que assumem um papel com essa função e desempenham outro papel na evolução de movimentos dentro de uma improvisação.

E mais, todo organismo está em constante mudança no ambiente, criando e destruindo suas próprias formas de subsistir (Lewontin, 1995, p.138). “Por exemplo, a seleção de estruturas cerebrais maiores para percepção pode vir acompanhada pelo crescimento de regiões cerebrais vizinhas. Em algum ponto posterior da evolução, essas regiões podem se tornar vantagens seletivas para alguma outra função,

⁴ “The Basic Neurological Patterns are sixteen primary movement patterns developed by Bonnie Bainbridge Cohen, based upon phylogenetic (animal) and ontogenetic (human) movement development”.

como a memória".⁵ (Edelman, 1999, p.80-81). Particularmente, o assunto da memória é de grande importância para a dança concebida no campo improvisacional, bem como o assunto do espaço, requer atenção especial em outro momento.

Para os filósofos cognitivos Lakoff & Johnson, o conhecimento é enraizado no corpo. Sua hipótese de inconsciente cognitivo ajuda a entender a cognição corporalizada. Dentro do escopo de experiências de BMC, quando o organismo performa movimentos em criação em dança, há algum aspecto de memória subjacente a este inconsciente cognitivo operando especificamente? A pergunta traria a hipótese de que a percepção modal em curso se dando em uma escala, e a construção de memória corporal em ação e andamento se dando em outra escala, camadas mais profundas poderiam reverberar uma na outra. Com essa pergunta e hipótese surge uma segunda hipótese: os princípios evolutivos de movimentos, agindo na organização neuronal, empoderam auto-organização com implementação de memória? Estaria aí a chave para a compreensão de corporalização? Tais questões são importantes para entendermos o conceito de repadronização em BMC.

O corpo passou a ser incluído na organização das primeiras inferências (Lakoff & Johnson, 1999) através de suas relações e direções espaciais. Então opera no corpo a construção metafórica da realidade que parte de metáforas de domínio-fonte, como as confabuladas pelo movimento e contato, sistema cinestésico e proprioceptor, para metáforas de domínio-alvo, em ordens mais complexas de consciência, segundo os autores. Pensando na proposta, e lembrando Helena Katz (2001), "cada tipo de aprendizado traz ao corpo uma rede particular de conexões. Quando se aprende um movimento, aprende-se junto o que vem antes e o que vem depois dele. O corpo se habitua a conectá-los. A

presença de um anuncia a possibilidade da presença dos outros." Uma vez que, evolutivamente, tudo é construído, ao mesmo tempo em que o corpo apronta um programa motor residente, ao mesmo tempo que conta com marcadores somáticos (Damásio, 1996, 1999), estão em jogo habituação (Thelen & Schoner, 2001), fenômeno que lança o organismo frente ao novo, então o fluxo de movimentos pode desestabilizar o que está disponibilizado em rede por um conjunto de operações, que asseguraram estabilidade numa direção (automatismos, compensações, condicionamentos, acomodações, padrões, hábitos-crenças) e em experiência, e em regime aberto - na arte, mais especificamente em dança contemporânea - por meio de investigação e experimentação - surgem novas disposições com novas movimentações, podem instaurar novamente, novos conjuntos repertoriais assegurando ainda mais o dinamismo do trânsito de informações dentro-fora. No leito, corpomídia.

Outra consideração evidente, é que este limiar tange duplamente o binômio subjetividade-objetividade e a singularidade pelo parâmetro da mudança, levado em conta o processo em tempo real, que duplamente desapronta e arranca acordos e resoluções velhas e inventa novas soluções. BMC contribui como plataforma para o entendimento desses processos de apoderamento apropriação e reformulação, considerando o como internaliza e o como auto-organiza, o como subverte e o como emancipa.

Sugiro considerar como composição semi-estruturada de uma aula de dança: primeiro foco com o corpo e o grupo, com enfoque nos princípios evolutivos, na abordagem no campo exploratório dos mesmos seguindo para um campo improvisacional. Processos iniciados em cada uma das quatro divisões da aula irrigam e atuam como conversores de escalas de espaço-tempo variadas. Entendido o corpo como um processo, quando uma proposta é lançada, ela é investigativa nas duas direções, age para dentro do organismo na descoberta dos princípios, sentidos, reflexos e

⁵ "for example, the selection of enlarged brain structures for perception could be accompanied by enlargements of neighboring brain regions. At some later evolutionary epoch, these regions may become selectively advantageous for some other function, such as memory" (Edelman, 1999, p.80, 81).

padrões, lança-se mais e mais no entorno a partir destes, levado por estímulos e trazendo motivações por instintos, trazendo pulsões, desejo e afeto, interagindo com os demais a partir deles. Além do aspecto duplamente funcional e criativo, BMC promove liberação indicando reorganização interna, segundo o método denominado de *repadronização*, numa guinada terapêutica. Essa instância não menos importante, recuperadora e curativa, não poderia deixar de ser mencionada.

A educação somática BMC ganha estabilidade como uma vertente na dança contemporânea por possibilitar fundamentação integrada de processos do corpo que se constituem duplamente como funcionais ao mesmo tempo que constituem soluções adaptativas em avanço para sua sobrevivência e de seu desenvolvimento, ao alcance das demandas de criação em dança, especificamente, contemporânea. Valendo-me destas aproximações, com estudos sobre percepção e cognição proponho *Corpulações* como um jeito de explicar, em parte, como a perspectiva de corporalização BMC aleita ressignificação improvisacional em procedimentos artísticos para performance.

REFERÊNCIAS

- BERTHOZ, Alain. *La Décision. Emotion et decision*. Paris: Odile Jacob, 2003.
- COHEN, Bainbridge B. *Sensing, Feeling and Action*. Mass: Contact Editions, 1993.
- DAMÁSIO, António R. *The feeling of what happens*. London: Ed. Harcourt Brace & Company, 1999.
- DENNET, Daniel C. *Tipos de Mentas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- EDELMAN, Gerald M. & TOTONI, Giulio. *A Universe of Consciousness. How matter becomes Imagination*. London: Basic Books, 2000.
- GIBSON, Eleanor. *Perceiving the affordances*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Assoc Inc., 2001.
- GIBSON, Eleanor. *An Ecological Approach to Perceptual Learning and Development*. Oxford: University Press, 2003.
- GREENO, James G. *Gibson's Affordances*. *Psychological Review*. vol. 101, n. 2, p. 336-342, 1994.
- GREINER, Christine & KATZ Helena. *Corpo e Processos de Comunicação*. Fronteiras/estudos Midiáticos. São Paulo: Unisinos, 2002.
- GREINER, Christine. *O corpo. Pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.
- JOHNSTONE, Maxine S. *A Natural history*. *Journal of Consciousness Studies*, v.5, n.3. London: Inprint UK, 1998.
- KATZ, Helena & GREINER, Christine. *A Natureza Cultural do Corpo*. In: *Coleção Lições de Dança n. 3*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Book, 1999.
- LEWONTIN, Richard C. *A tripla hélice. Gene, organismo e ambiente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LLINÁS, Rodolfo. *I of the Vortex: From Neurons to Self*. Cambridge: MIT Press, 1996.
- MATURANA, Humberto & VARELLA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- MILLER, G., ETHRIDGE, P. & MORGAN, K. *Exploring Body Mind Centering: an anthology of Experience and Method*. Berkeley: North Atlantic Books, 2011.
- NOE, Alva. *Action in Perception*. Cambridge: MIT Press, 2004.
- PRIGOGINE, Ilya. *A nova Aliança. Metamorfose da ciência*. Brasília: Ed. UnB, 1984.

QUEIROZ, Clélia. Neurológicas. In: *Seminário O Averso do Averso da Somática*. PDF, 2010.

_____. *Corpo mente percepção: Movimento e BMC na Dança*. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. *A não Execução*. Revista Concinnitas, Ano 10, v. 2, n. 15. Instituto de Artes UERJ. Rio de Janeiro: Cabo Dourado, 2009.

_____. *A subjetividade Revisitada*. Simpósio Corpo & Subjetividade. SENAC, SP. Congresso Mundial de Dança CID/ ONU Grécia. Disponível em: <http://www.idanca.net> e <http://movimentodancarecife.wordpress.com/> 2005. Acesso em: 15 de junho de 2012, 15:00.

_____. Processos de corporalização nas práticas somáticas BMC. *Coleção Húmus* V. 1, p. 167-176. Caxias do Sul: Lithograf, 2004.

_____. *Corpo, Dança, Consciência*. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. *Espacialidade e Visualidade – percepção e sentidos*. In: X Congresso da Associação Internacional de Semiótica Visual: Dilemas da Visualidade, Buenos Aires, Setembro de 2012.

RIDLEY, Matt. *Nature via Nurture - Genes, experience and what makes us human*. London: Fourth Estate, 2003.

THELEN, Esther. *A Dynamic Systems approach to the development of Cognition and Action* Massachusetts: MIT Press, 1998.

THELEN, Esther. Time-Scale Dynamics and the Development of an Embodied Cognition. In: GELDER & PORT *Mind as Motion - Explorations in the Dynamics of Cognition*, p. 69-100 London: A Bradford Book /MIT Press, 1995.

THELEN, Esther; SCHONER, Gregory. *Using Dynamic Field Theory to Rethink Infant Habituation*. 2001. Disponível em: <http://lib.bioinfo.pl/pmid:1663762> & Psychological Review. <http://www.cs.indiana.edu>. Acesso em: 15 de novembro de 2003, 16:50.

VARELA, F. & THOMPSON, Evan. *The Mindful Body*. London: Rowman & Littlefield Publisher Inc., 1996.

VIEIRA, Jorge. Dança e Semiótica. In: *Dança e Educação em Movimento*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Teoria do conhecimento e arte*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2006.